

CAMPO GRANDE: UMA PRAÇA DE MUITAS MODAS

Campo Grande: a square os many styles

Mello, Márcia Maria Couto; PhD, Universidade Salvador – UNIFACS,
mellomarcia@uol.com.br¹

Gomes, Larissa P. I. F.; Graduada em Design de Moda e Graduanda em Arquitetura
e Urbanismo, Universidade Salvador – UNIFACS, larissa.iten.gomes@gmail.com²

Resumo

Como espaços de convívio, sociabilidade, expressão de modos e exibição de modas, há muitos séculos as praças assumem uma simbologia singular em grande parte das cidades. Na Cidade de Salvador, Bahia, a Praça Dois de Julho tem o potencial de representar as mudanças dos estilos de vida na cidade, a partir das modificações modais feitas na sua configuração e nos elementos que a compõem.

Palavras chave: praça; modos e modas; Praça Dois de Julho.

Abstract

As spaces of social interaction and style exhibits, city squares have assumed a unique meaning in many cities. In Salvador, Bahia, the Dois de Julho square has the potential to represent the changes in the city's lifestyle, stemming from decorative changes on it's configuration and on the elements that compose it.

Key words: Square; style and costumes, Dois de Julho Square

¹ Doutora e Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS/Laureate International Universities, onde também integra, como professora pesquisadora, o Núcleo de Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR / UNIFACS).

² Designer de Moda, atualmente cursando Arquitetura e Urbanismo (Universidade Salvador – UNIFACS/Laureate International Universities). Desenvolve pesquisa de Iniciação Científica, como bolsista do CNPq, através do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR / UNIFACS).

Introdução

Espaços públicos centrais foram intencionalmente projetados para o encontro das pessoas nas cidades ocidentais desde a Antiguidade Clássica. Inicialmente destinados à troca de mercadorias, serviços e, sobretudo, cultura, ou simplesmente com o objetivo de promover a sociabilidade, esses espaços, atualmente identificados como praças, acompanharam a trajetória da nossa história como lugares onde os modos de viver em uma determinada sociedade, assim como suas conseqüentes modas, podem ser expressos, confirmados ou reinventados.

De acordo com Sennet (2003, pp.47-53; 100-4), as praças representam, desde aproximadamente 300 a.C., a materialização da ideia do que conhecemos como espaço público urbano. São áreas determinadas por funcionalidades e simbologias que variam de acordo com o contexto cultural dos povos que habitam cada território em um tempo, retratando os seus modos de viver e conviver.

No Brasil, as primeiras cidades coloniais surgiram em torno das praças, as quais logo se tornavam os espaços públicos mais importantes, servindo de eixo para os edifícios administrativos e cívicos, além das residências mais cobiçadas. Seguindo o modelo urbanístico lisboeta, os autos de fundação da Cidade de Salvador instituíam as praças como regra de ocupação, na então capital do Brasil, o que refletia o momento social e político, enquanto atendia a determinados valores simbólicos, caracterizando essas áreas como os espaços de maior imponência e visibilidade na cidade (MELLO, 2004, p.95).

Sob tais regras de ocupação, uso e apropriação do solo, as praças se tornaram os primeiros espaços públicos de socialização no nosso país, logo, pode-se dizer que foram os primeiros palcos para a exibição dos modos e das modas na nossa sociedade. Cabe, portanto, investigar como ocorrem algumas interferências e conexões entre as modas e esse espaço público que é ponto de referência para as cidades brasileiras.

Uma praça analisada no viés das modas

Entre centenas de praças importantes na cidade de Salvador, Estado da Bahia, destaca-se a Praça Dois de Julho pela potencialidade que tem de expressar relações diretas entre o espaço definido pelo traçado e pela arquitetura, a história da cidade, a cultura de um povo e as modas adotadas pela sociedade soteropolitana.

Conhecida popularmente como Campo Grande, a atual Praça Dois de Julho, famosa por integrar o circuito tradicional do carnaval baiano, surgiu de maneira curiosa. O lugar onde está localizada era originalmente dominado por sulcos definidos pela topografia, onde havia apenas uma grande depressão.

Até então, os moradores mais abastados da cidade habitavam no centro, todavia, já sofriam uma forte influência da moda do afrancesamento, que contaminava o ideal coletivo na era oitocentista e induzia a preferência por arquiteturas em estilo neoclássico, dispostas em terrenos maiores e mais arejados (MELLO, 2004, p.30).

Certamente, naquele momento, a estética colonial característica da zona central da cidade não mais atendia às necessidades dos moradores da elite soteropolitana. Além de uma arquitetura com fachadas simples e menores, as paredes largas retinham a umidade, ameaçando a saúde de quem tivesse problemas respiratórios. Em paralelo, a moda francesa de vestir, habitar e se comportar era predominante e, ao mesmo tempo, dava oportunidade para as pessoas se exibirem através de elementos que significavam o requinte e o poder.

O espaço onde o Campo Grande se configurou começou a ser nivelado na década de 1830, com o objetivo de facilitar o acesso às zonas da cidade que se tornavam os novos bairros residenciais. A obra ficou pronta em 1851, e, nos anos subsequentes, se confirmou na cidade a moda de residir em novos bairros, com novas conformidades – casas com grandes recuos, muros e grades delimitando a rua contrastavam com o centro barroco da cidade, de casas sem recuo lateral, que formavam extensos corredores demarcando o limite das ruas (SAMPAIO, 2005, p.79-82).

Naquela época, a indústria francesa vendia seus produtos através de catálogos postais, o que contribuía para a difusão das suas modas. Tecidos, meias, sapatos ou gradis, postes de iluminação, escadas, podiam ser facilmente encomendados e adquiridos pelos correios. As modas francesas estavam sempre presentes: vestindo os corpos, decorando as arquiteturas, equipando as cidades e imprimindo novos modos de pensar e viver. E, assim como ocorreu em outras cidades do mundo, em Salvador, a moda do afrancesamento facilmente se instituiu, ainda na segunda metade do século XIX.

Desde que inaugurado o Campo Grande, então denominado como Parque Duque de Caxias, a cidade ganhou um espaço público de acordo com os parâmetros modais da época. Um novo cenário surgia, pontuado por um amplo espaço de uso coletivo singelamente ajardinado e rodeado por prédios com arquiteturas pomposas com estética da fase neoclassicista (PEREIRA, 2009, p.68).

Conforme comentou Palavizini (1998, p.52), era inevitável que a praça logo se tornasse uma atração e o mais importante ponto de encontro da elite na cidade, principalmente aos sábados e domingos. Havia sido criado um espaço da moda, onde as pessoas desfilavam e exibiam seus novos modos de conviver com a cidade, que lentamente iniciava o seu processo de modernização.

A conotação elitista com que aquela praça surgiu, no entanto, foi se atenuando, à medida que ela se transformou em um palco de manifestações populares. Os cidadãos entendiam a necessidade de criar um monumento que reverenciasse a Independência da Bahia (declarada em 2 de julho de 1822), e acreditavam que aquela grande praça deveria ser um local de expressão popular, um lugar simbólico que representasse a própria história da cidade e a cultura local.

Assim sendo, em 1895, o Campo Grande, que pode ser visualizado na imagem fotográfica que ilustra o cartão-postal da Figura 1, foi renomeado como Praça Dois de Julho, quando passou a ser domínio de toda a cidade, reunindo em um só local a burguesia e o povo (MARTINEZ, 2000, p.120). Tornou-se o principal ponto de articulação entre o centro da cidade e os novos bairros ostensivos daquela época.

Figura 1: Praça Dois de Julho (<https://urbanizacaoemsalvadorseculoxix.wordpress.com>) 1895.



As vestes dos indivíduos flagrados na imagem acima (Fig.1) testemunham a importância do espaço para a cidade, que foi resignificado através da inserção de elementos de adorno e novos equipamentos influenciados pela *Belle Époque*.

Ao centro da praça foi erguido um monumento com grandes peças em uma coluna de bronze sobre o pedestal em mármore de Carrara. Tem no topo a estátua de um índio, armado de arco e flecha (simbolizando o povo brasileiro na atitude de golpear a serpente, aludida ao domínio português). Todavia, é curioso perceber que o monumento reverenciando os heróis nacionais se expressa através dos códigos da simbologia positivista e uma estética neoclássica, só para estar de acordo com o afrancesamento que direcionava a moda daquela época.

Inclusive, cabe comentar que, naquele momento, o país havia passado por grandes transformações sociais e políticas com a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889); quando o pensamento coletivo estava sendo redirecionado sob o viés da liberdade, da igualdade e da fraternidade, e, esse mesmo mote da Revolução Francesa aparece transcrito no monumento central da Praça Dois de Julho, confirmando a ideia de que seguíamos aquele paradigma. Porém, o que importa é que a praça adquiriu um papel fundamental para a história da cidade. O local tornou-se subitamente uma “referência simbólica marcante para os habitantes da cidade e visitantes interessados em sua história” (PALAVIZINI, 1998, p.54).

Conforme se observa ainda na mesma imagem da Figura 1, ao espaço também foi adicionado um novo formato de jardim – com espécies diversas de plantas e árvores –, disposto em canteiros definidos, de acordo com a moda impressa no modelo dos parques europeus do século XIX. Percebem-se também postes de iluminação, além de vários elementos inseridos, como coreto de ferro fundido no estilo *art-nouveau*, pérgula, pequenas estátuas de efígies gregas, adornos, bancos, pontículas, fontes e chafarizes em grandes espelhos d’água. A presença de tais elementos também confirma a moda de consumir a *Arquitetura do Ferro* europeia, como símbolo de inserção da Cidade de Salvador no cenário das grandes e prósperas cidades do mundo.

Além de simbolizar um importante eixo espacial no processo de modernização da imagem das cidades brasileiras, segundo Teixeira (2001, v.6, p. 4-5), o Campo Grande foi o local mais concorrido da juventude baiana por várias décadas da primeira metade do século XX.

Em meados do século XX, a cidade passou por um processo de verticalização e a especulação imobiliária provocou a destruição da maior parte dos antigos e tradicionais palacetes do Campo Grande. Deve-se principalmente a este fator, uma súbita modificação da relação da praça com o exterior e o início da descaracterização da imagem do local. Entretanto, vale enfatizar que o fator preponderante desta modificação foi a moda predominante na década de 1960, que induzia para que se buscasse o lazer em espaços onde havia o comércio, a exemplo das galerias de lojas instaladas em ruas famosas e, em poucos anos, confirmou-se no Brasil a moda de frequentar *shoppings centers*, seguindo, desta vez, um modelo de vida norte-americano, que tentava seduzir o mundo com o *american dream* para difundir o *american way of life* (BIENENSTEIN, 2001, p. 13).

Até então, o Campo Grande era o ponto de encontro de vaidades e seduções, onde mães desfilavam com seus bebês e rapazes e moças “trocavam olhares”, ou apenas conversavam trivialidades. Uma passarela onde as pessoas exibiam modelos e gesticulavam para aparentar ou representar, onde a moda encontrava a vida cotidiana, onde o glamour se fazia presente na sociedade baiana. Era o local para ver e ser visto, mas, a partir do momento em que a praça começou a se descaracterizar e os moradores locais começaram a procurar um novo estilo de lazer, ficou perceptível o crescente descaso com o lugar, conforme se observa através da imagem fotográfica capturada no final da década de 1980 (Fig. 2).

Figura 2: Campo Grande com sinais de abandono (Fundação Mário Leal Ferreira), anos de 1980.



Grandes reportagens em jornais locais denunciaram o abandono daquele espaço a partir dos anos de 1970, a exemplo do Jornal A Tarde (12/05/1973), Diário de Notícias (06/06/1973) Jornal da Bahia (22/07/1974), entre tantos outros registros. Desde então, percebe-se que a praça não perdeu o seu valor simbólico de espaço de luta e movimentos populares, mas teve sua simbologia ameaçada quanto ao seu uso cotidiano, igualmente importante.

Quando deixou de ser um *point* da moda, o Campo Grande se transformou em um ponto nevrálgico no trânsito da cidade, mesmo que ainda servisse, esporadicamente, como palco de diversas manifestações populares. No seu contorno eram vistos apenas vendedores ambulantes, pessoas amontoadas em pontos de ônibus, a sujeira, a depredação, conforme registrou a reportagem intitulada “Campo Grande Sujo e sem Tradição” (Tribuna da Bahia, 03/11/1983).

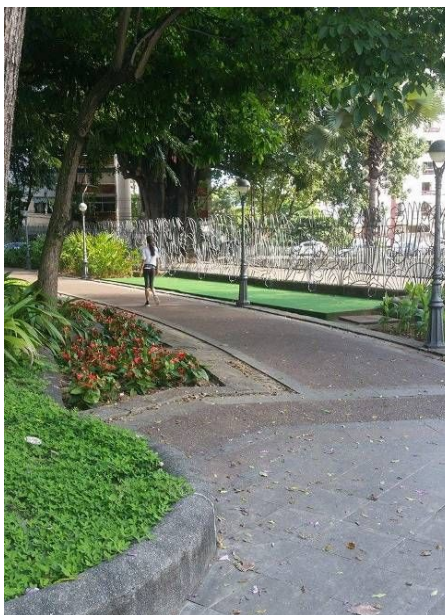
De fato, na década de 1980, a situação de abandono ficou cada vez mais visível, quando uma nova sociedade de consumo se voltou para os espaços privados e semi-privados, facilitando que o individualismo se efetivasse como um estilo de vida modal, comum na contemporaneidade (MELLO, 2010, p. 76). Isso se refletiu, obviamente, na relação dos indivíduos com o espaço público. Cada vez mais confinados em seus apartamentos multifuncionais e auto-suficientes, as pessoas passaram a frequentar menos as praças. O Campo Grande chegou ao final do século passado em situação de abandono, permitindo que se observasse através do seu espaço que uma nova dinâmica pós-moderna havia se instaurado, modificando potencialmente os modos de se conviver com as cidades brasileiras.

Chegando ao século XXI, o descaso com aquela praça chamou a atenção das mídias e do poder público. Houve um movimento de antigos moradores no sentido de resgatar a imagem do espaço para resguardar a valorização do seu patrimônio, através da revitalização da praça e, conseqüentemente, do bairro. Serpa (2007, p. 96) atenta para o fato de que “fica evidente que projetos, programas e intervenções recentes foram realizados em função de estratégias de valorização do solo urbano em bairros com maior concentração de população de melhor poder aquisitivo”.

Contudo, em paralelo às ações políticas e governamentais, novos valores se firmaram na última década e, mais uma vez, em Salvador, se tornou moda habitar próximo ao Campo Grande. A rápida e crescente revalorização do solo motivou novos empreendimentos no entorno e fez com que outras intervenções acontecessem na praça, que teve a sua imagem repaginada. Os investimentos recentemente feitos no espaço trouxeram uma nova paisagem para aquela zona da cidade. Alguns até arriscam citar que “o Campo Grande preserva o charme da cidade de Salvador” (título da matéria veiculada no Correio da Bahia de 04/12/2005).

Entretanto, deve-se compreender que, desta vez, a reformatação e uma conseqüente revitalização do Campo Grande visou atender os anseios de uma sociedade que prioriza nos seus modos de viver a saúde e a beleza dos corpos. Conforme se observa na Figura 3, a praça foi equipada com diversos aparelhos de ginástica e ao seu design original foi acrescida uma pista de *Cooper*, assim, pode-se dizer que atualmente ela funciona como uma espécie de academia ao ar livre, além de ser um ponto de promoção para diversos projetos de saúde e manifestos ecológicos. Em paralelo, a violência urbana característica das metrópoles brasileiras fez com que aquele espaço fosse cercado por grades em ferro galvanizado recortado com motivos tropicais, que também surge, no contexto da nova praça, como um elemento arquitetônico e estético, assinado por Carybé, um famoso artista plástico argentino, historiador da cultura baiana.

Figura 3: Pista de Cooper no Campo Grande (fotografia: Larissa Gomes, Acervo Pessoal), 2015.



Sob uma nova vertente, que acompanha o contexto hipermoderno dos territórios da contemporaneidade, o Campo Grande voltou a figurar como um espaço de encontros, desfiles e exibição para os moradores do seu entorno e da cidade, confirmando que as modas influenciam na vivência e na relação das pessoas com os espaços que elas ocupam.

Considerações Finais

A pesquisa que teve como foco a Praça Dois de Julho, espaço também conhecido como Campo Grande, buscou compreender a interferência do fenômeno moda sobre uso e o aproveitamento dos espaços públicos na Cidade de Salvador.

A partir de levantamentos históricos, que envolveram questões espaciais, sociais, culturais, econômicas e políticas, foi possível compreender de que maneira aquele espaço público afetou e foi afetado pelas modas vigentes de cada época.

Constatou-se que os modos de viver, determinados pelas modas ditadas no início do século passado conferiram poesia e charme a um espaço que se desenhava sobre os anseios de uma sociedade que buscava se inserir no paradigma modal de uma época e, ao mesmo tempo, confirmar os seus ideais republicanos. Com o passar das décadas, o espaço sofreu diretamente as influências de novas formas de pensar, agir e conviver, o que até ameaçou a sua permanência. Recentemente, o surgimento de outras modas provocou uma revalorização do seu entorno, que refletiu numa revitalização não só do seu espaço, mas da sua ocupação e do seu uso, já com adequações aos modos e às modas atuais.

Mais uma vez, fica evidente que a moda exerce uma indiscutível interferência sobre as mais diversas áreas do saber. Enquanto muda constantemente a aparência dos nossos corpos para que exerçamos papéis diversos, na arquitetura e no design, ela modifica os espaços dos nossos lares que se ajustam para atender às nossas necessidades cotidianas ou simplesmente para nos mostrarmos inseridos a um contexto modal.

Numa esfera amplificada, a moda é responsável pela concepção de novos espaços de convivência nas cidades, portanto, ela também atua como um agente de mudança da sociabilidade e precisa ser pensada como um canal para criar novos modos de viver e conviver nas cidades, modificando e recriando novos paradigmas éticos e estéticos que contemplem uma vida melhor e mais bela para todos.

Referências

BIENENSTEIN, Glauco. Shopping Center: o fenômeno e sua essência capitalista. **RevistaGEOgraphia**, Niterói, RJ, vol. 3, nr. 6, p. 71-98, 2001.

MARTINEZ, Socorro T. **2 de julho: a festa é história**. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2000.

MELLO, Márcia M. Couto. **Salvador Multimagética: a imagem do Bairro do Comércio através de cartões-postais (1890-1950)**. 2004. 259 f. Dissertação (Mestrado) – Arquitetura e Urbanismo /Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

_____. **Modas, Arquiteturas e cidades: interfaces, conexões e interferências**. 2010. 204 f. Tese (Doutorado) – Arquitetura e Urbanismo /Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

PALAVIZINI, Roseane. **Espaço Público: ambiente e percepção**. 1998. 145 p. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

PEREIRA, Adslane. **Análise da qualidade ambiental urbana em praças públicas através da percepção dos seus usuários: o caso da Praça Dois de Julho – Campo Grande, Salvador**2009. 145 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana da Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SAMPAIO, Consuelo N. **50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX**. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. (1ª ed 1994) 3. ed. Tradução Marcos A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

TEIXEIRA, Cid. Salvador: história visual. V.1 a 10. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

CITAÇÃO DOS JORNAIS

CAMPO Grande fica assim. **A Tarde**. Salvador, cad. 01, p. 02,12 mai. 1973.

CAMPO Grande preserva o charme da cidade. **Correio da Bahia**. Salvador, cad. imóveis, p. 1, 04 dez. 2005.

CAMPO Grande sujo e sem tradição. **Tribuna da Bahia**. Salvador, cad. 01, p. 05, 03 nov. 1983.

CAMPO Grande: Um imenso jardim que ficou vazio. **Jornal da Bahia**. Salvador, cad. 01, p. 02, 22 mai. 1974.

CRIANÇAS abandonam Campo Grande porque areia sumiu. **Diário de Notícias**. Salvador, cad. 01, p. 03, 06 jun. 1973.